

Collor candidato, apresenta projeto.

Com sua candidatura homologada na convenção do PRN, ele chorou, gritou "fora Sarney", falou do Nordeste e apresentou o "Projeto Brasil Novo", um esboço de programa.

Num discurso de quase duas horas o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, apresentou ontem durante a convenção do partido, que homologou o seu nome, o "Projeto Brasil Novo" em que prega uma diminuição de ingerência do Estado na economia, o gerenciamento em co-gestão da Previdência Social entre patrões e empregados, um diálogo com credores internos e externos e uma série de "revoluções" no desenvolvimento tecnológico, educação, saúde e agricultura. Ao final, conclamou seus adversários a não se comportarem como inimigos, para viabilizar um "amplo entendimento da pacificação nacional em torno do vencedor". E advertiu: "O agravamento do conflito pelo poder, na hipótese de um confronto no segundo turno pode pôr em risco este entendimento, com graves e imprevisíveis consequências para a governabilidade e para o futuro do processo democrático".

Collor falou para cerca de 400 pessoas que se comprimiam na sede do Movimento Popular de Reconstrução Nacional. O seu nome obteve 117 votos e o do vice, Itamar Franco, 116. No andar superior do prédio, o PTR aprovou a coligação com o PRN com apenas 9 votos. Foi o retrato de duas convenções que se arrastaram desanimadas até as 16h20, quando o candidato chegou. Collor se inflamou com seu discurso, chorou na passagem em que falava do Nordeste — "Ele precisa de água. O resto saberá fazer" — e depois de dar o seu brado de companhia — "Não me deixem só" — gritou ao microfone um "Fora Sarney".

Quando Collor terminou o seu discurso, foi entoado o Hino Nacional. Depois ele saiu carregado nos braços em meio a um tumulto generalizado. Dois fotografos foram arrastados pelos soldados da PM que comandavam o trânsito em frente à sede do MPRN, mas não foram presos.

A seguir, alguns pontos do "Projeto Brasil Novo" de Collor:

Capital privado — "O Estado cerceia a livre competição, interfere na vida das empresas e estabelece privilégios cartoriais. Desejamos incentivar a produção, não a especulação. Um país como o nosso não tem por que temer os investimentos externos. Privatizar não significa necessariamente transferir o patrimônio público para a propriedade privada. Temos que privatizar a sua gestão, submetendo-as aos métodos privados de gerenciamento.

Previdência — "O governo não terá mais ingerência nem manipulará o dinheiro da Previdência".

Setor público — "Financiamento por meios não inflacionários através do alongamento do perfil da dívida externa. Não vamos confrontar nem os credores externos nem muito menos os credores internos".

Dívida externa — "Não quero, não pretendi e nem desejo brigar com o FMI. Estou disposto, sim, a brigar dentro do FMI".

Agricultura — "Política de reorganização fundiária, voltada para o assentamento ordenado e dirigido dos excedentes de mão-de-obra e uma política agrícola que assegure a produção, o escoamento, os preços de garantia e o armazenamento dos excedentes".

Salários — "Fim da liberdade sempre reclamada dos preços e pela compressão sempre realizada dos salários e promoção da livre negociação entre patrões e empregados com uma ação reguladora do poder público".

Ecologia — "Temos de dar tratamento diferenciado a cada caso e aceitar a cooperação internacional, quer para as áreas que exigem cuidado preventivo ou de recuperação".



Collor, com seus correligionários.